

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

9 e 15 de Maio de 2023

REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A GUERRA NO CINEMA

parte II – Outras Vistas do Campo de Batalha

## DER STERN VON AFRIKA / 1957

### “A Estrela de África”

*Um filme de Alfred Weidenmann*

*Argumento:* Herbert Reinecker a partir de uma história de Udo Wolter / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Helmut Ashley, Francisco Sempere e Jost von Hardenberg / *Cenários:* Wolf Englert, Max Mallin, José Maria Moreno / *Figurinos:* Ingeborg Ege-Grützner / *Música:* Hans-Martin Majewski / *Montagem:* C. O. Barring e José Antonio Rojo / *Som (mono):* Ernst Walter / *Interpretação:* Joachim Hansen (*Hans-Joachim Marseille*), Marianne Koch (*Brigitte*), Hansborg Felmy (*Robert Franke*), Horst Frank (*Albin Droste*), Peer Schmidt (*Answald Sommer*), Karl Lange (*Capitão Krusenberg*) e outros.

*Produção:* Rüdiger von Hirschberg para Neue Emelka (Munique) e Producciones Cinematográficas Ariel (Madrid) / *Cópia:* do Stiftung Archiv (Berlim), 35 mm, **dobrada em inglês** e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 80 minutos / *Estreia mundial:* 13 de Agosto de 1957 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**AVISO: o filme é apresentado numa cópia dobrada em inglês, o que, por lapso, não foi indicado no programa mensal. Pelos eventuais transtornos, as nossas desculpas.**

\*\*\*\*\*

Por incrível que possa parecer, estamos diante de um pessimamente disfarçado filme de propaganda nazi (não há outra definição possível), realizado doze anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, quando os criminosos do regime que tinham escapado à força em Nuremberga ainda estavam no início das pesadas penas de prisão a que foram condenados. Não há de ser por acaso que o filme foi co-produzido com a Espanha de Franco (veja-se os nomes espanhóis na ficha técnica acima), cuja vitória não deveu pouco à Alemanha nazi e que pôs as suas forças aéreas à disposição da produção. O único artigo disponível sobre **Der Stern von Afrika** na vasta biblioteca desta cinemateca é a resenha de *Variety* (que recenseava sistematicamente tantos filmes quanto possível, nos mais variados países), que dá-nos algumas informações interessantes sobre a obra, que o jornalista do semanário viu no grandioso Zoo Palast de Berlim. Ficamos a saber que este foi o primeiro filme a ter sido produzido pela “nova UFA”, a encarnação pós-guerra da grande produtora nascida nos anos 20 (escolheram bem o tema...) e que teve problemas com a censura: “foi rejeitado pelo *Freiwillige Selbstkontrolle, o grupo de auto-censura* [self-censorship group] *da República Federal da Alemanha, como demasiado patriótico e teve de ser remontado para a distribuição. O filme, que aborda a carreira de Hans-Joachim Marseille, herói da Luftwaffe nazi, foi alvo de muitas objeções na Alemanha*”. Teve distribuição em alguns países da Europa (não em Portugal ou em França, país onde teria desencadeado motins em 1957), no Japão, no México e no Brasil.

Para citarmos a expressão favorita de Henri Langlois, é *espantoso mas não surpreendente* que um tal filme tenha sido realizado por Alfred Weidenmann (1916-2000). Com apenas vinte anos Weidenmann realizou o seu primeiro filme, **Jungbann 2 (“Magia da Juventude”**, de cinquenta minutos), cujo título não deixa muitas dúvidas. A partir de 1941 realizou nada menos do que uma série de sete curtas-metragens sobre a Juventude Hitleriana (**Junges Europa – Filmschau der Hitlerjugend**), além de uma longa de ficção sobre a mesma organização, **Hände hoche (“Mãos Para o Ar”)**, em que uns jovens hitlerianos que se entediam num acampamento põem-se à caça de uns ladrões que rondam por ali, seguida por outra ficção de propaganda, **Junge Adler**, em que um industrial da aviação manda o seu filho irresponsável trabalhar na fábrica para aprender o que é a vida. Nos estertores da guerra, em 1945, Weidenmann lançou mais um filme de ficção, que a julgar pelo título (**Die Schenke zur ewigen**

**Liebe**, a *taberna do amor eterno*) deve ser uma obra “escapista”, como tantas outras realizadas na Alemanha nazi, algumas das quais de inegável qualidade. Weidenmann parece não ter tido problemas a seguir à guerra (o que não surpreende, quando se sabe que Leni Riefenstahl não foi julgada em Nuremberga, como deveria ter sido) e a partir de 1949, ano da fundação da República Federal da Alemanha, trabalhou de modo ininterrupto até morrer, cinquenta e um anos depois, fazendo de tudo um pouco no cinema e na televisão, inclusive um Maigret, o celeberrimo detetive de dezenas de romances de Georges Simenon e uma adaptação dos **Buddenbrooks**, de Thomas Mann.

**Der Stern von Afrika**, realizado com grande competência profissional, o que não é mais que obrigação, contém excelentes sequências de aviação e um grupo notável de atores, como é regra no cinema alemão. O filme é sobretudo um extraordinário *case study* sobre a impostura, que é uma das faces mais evidentes da propaganda, faz mesmo parte da sua essência. Num filme que começa em Berlim em 1939, não se vê uma única cruz suástica em oitenta minutos de projeção e ninguém diz *Heil* ao fazer a saudação à romana, que era obrigatória nas forças militares (a única alusão a Hitler é um pequeno retrato, quase escondido a um canto de uma sala de aula, já perto do desenlace). Esta descaradíssima impostura destina-se a levar o espectador a esquecer que aquelas pessoas fazem parte das forças de agressão do regime político mais criminoso da história da humanidade. Os únicos a fazerem, rápida e brevemente, a saudação fascista são dois italianos, mas como todos sabem os italianos gesticulam muito... Alfred Weidenmann agrava o seu caso, porque se a sua intenção era lembrar que milhares de jovens alemães foram vítimas do regime ao serem enviados para a guerra como carne de canhão, um mínimo de honestidade e rejeição do regime tê-lo-ia feito ter como protagonista um fictício soldado raso, não um piloto que de facto existiu e foi um herói para os nazis, aquele que abateu o maior número de aviões das forças aliadas e cuja alcunha foi usada como título do filme.

A impostura que consiste em modificar a verdadeira identidade dos protagonistas através do apagamento do contexto histórico já começa no genérico, com a sua música leve, mais adequada a um filme de férias do que a um filme de guerra. Durante toda primeira parte do filme tem-se a impressão de estar num clube desportivo para rapazes chiques e não numa base aérea militar e se em vez de realizarem missões aéreas aqueles homens montassem a cavalo para treinar polo o espectador não se surpreenderia muito. Chega-se ao extremo de fazer com que estes oficiais nazis apreciem o jazz e fiquem amigos de um “pretinho” de serviço, alegre e simpático como é óbvio, além de bom cantor como não é menos óbvio, que acaba, por assim dizer, incorporado às forças da Luftwaffe (sic!) enquanto estas estão no deserto. Na segunda parte estamos de regresso à Alemanha, mas o “nosso” herói não tardará a ir para a Itália, de início para ser condecorado por Mussolini em pessoa, depois para viver uma história de amor com uma professorinha alemã, pois na lógica do filme a Itália tem uma dupla vantagem: é aliada da Alemanha e governada pelo fascismo e com as suas inúmeras maravilhas artísticas e naturais é um destino privilegiado para luas-de-mel, o que introduz o inevitável elemento romântico no filme e tenta tornar ainda mais simpático o protagonista. Note-se que este foge com a namorada, mas quando o dever o chama de volta ao combate não hesita. O facto do filme ter sido dobrado em inglês (quando na Alemanha todos os filmes eram dobrados em alemão, num movimento exatamente inverso) levanta a suspeita de que talvez tenha sido feita uma “versão internacional” dobrada em inglês, de modo a fazer com que o espectador se esqueça por completo de que os personagens são pilotos da Alemanha nazi e veja-os como simpáticos americanos, já que falam como americanos e são tão corteses e sorridentes. O mecanismo da mentira que enforma **Der Stern von Afrika** torna especialmente exasperante o *insert* final em que nos é dito do protagonista que “*ele tinha 33 anos – um dos jovens que poderiam estar vivos hoje*”, o que nos faz lembrar imediatamente dos seis milhões de judeus e vários outros milhões de vítimas civis e militares que também poderiam estar vivas em 1957, se não fosse a ação personagens semelhantes às que são mostrados como nobres heróis neste filme.

Antonio Rodrigues